

CIBELE LUCENA

JOANA ZATZ MUSSI

DAINA LEYTON

11

### **“APRENDER PARA ENSINAR” E A CULTURA SURDA**

○ projeto “Aprender para Ensinar”<sup>1</sup>, idealizado em 2002, consiste na formação de jovens surdos como educadores, para que eles possam receber o público surdo no museu em “língua primeira”<sup>2</sup>.

Para o linguista Élie Bajard, que observou o projeto “Aprender para Ensinar” entre 2005 e 2006, é um desafio para o MAM e seus professores-artistas (PA), que conduzem o processo de formação, orientar os jovens que não partilham sua língua. Uma vez que não existe, entre os PAs e os alunos Surdos, uma intercompreensão linguística, a situação requer a presença de professores-intérpretes (PI) que dominem ambas as línguas. Nessa singular situação de formação artística, a questão da diversidade das linguagens (com uso considerável de fotografias, vídeos, esquemas e filmes) se torna um ponto crucial. Por duas razões: a primeira, porque a imagem é uma linguagem que não pressupõe alfabetização prévia para ser compreendida; a segunda, porque o objeto de estudo é a própria arte (Bajard, 2005).

O espaço expandido de um curso continuado com jovens Surdos que se desdobra no atendimento de um grande público Surdo, traz aos frequentadores do museu a reflexão e compreensão de que a Libras não é um simples emaranhado de códigos visuais, mas uma língua de semiologia complexa, cujo aprendizado dá acesso a inesgotáveis dimensões de pensamentos e significados.

Antes de iniciado o trabalho contínuo com o público Surdo, desconhecíamos os desafios linguísticos que ele enfrenta para se comunicar. Durante muitos anos, os surdos foram considerados legalmente “incapazes”, e as escolas e centros de educação de diferentes partes do mundo proibiam a Língua de Sinais, obrigando os surdos a falarem a “língua dos ouvintes”. Todas as comunicações deviam ser orais<sup>3</sup>.

Segundo Oliver Sacks (1998), o fato dos surdos não disporem de uma “língua primeira” os deixavam privados da capacidade de se comunicar, prejudicando a apreensão do conhecimento.

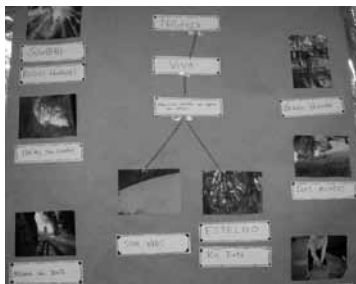
A existência milenar de línguas puramente escritas não foi suficiente para que se difundisse a noção de que a compreensão das ideias independe do som das palavras. Essa ainda é uma noção estranha para a maioria, porém sua compreensão é fundamental para o desenvolvimento da comunicação dos surdos.

O linguista Élie Bajard, ao contrário da concepção que vigorou até o final do século 19, considera que a língua utilizada pela comunidade surda

*é uma verdadeira língua, com um léxico e uma gramática singulares. [...] Ela é natural, isto é, um instrumento construído por um lento processo de elaboração, através da experiência comunicativa de várias gerações de uma mesma comunidade, e não por um inventor único, como é o caso do esperanto, por exemplo. Realizada por gestos, é uma língua que possibilita pensamento e comunicação. É um lugar-comum atribuir aos surdos uma capacidade de abstração baixa, sob o argumento das limitações dos sinais abstratos. Podemos fazer duas ressalvas a esse tipo de comentário. Primeiramente, muitas dificuldades de comunicação podem ser atribuídas à conquista tardia da língua. Em segundo lugar, limitações da Língua de Sinais podem encontrar sua origem num uso conjuntural por uma comunidade, e não na pretendida insuficiência de uma língua gestual.” (Bajard, 2005:16)*



No Brasil, apesar de utilizada e ensinada há bastante tempo, a Libras só foi reconhecida como meio legal de comunicação em 2002 <sup>4</sup>. Isso nos mostra que, apesar de a questão da língua dos surdos ser antiga, sua regularização é bastante recente. Esse fato aponta para a dimensão pública do nosso trabalho, bem como para a relevância social de se preparar educadores Surdos.



Acreditamos que a arte desempenha um papel fundamental para a transformação do olhar em relação ao mundo. Através dela, podemos estabelecer relações significativas entre conteúdos teóricos e a cultura contemporânea, aprimorando a capacidade crítica do indivíduo ao estimular um olhar criador, procurando perceber os diversos significados culturais implicados na imensa quantidade de imagens com que temos contato diariamente.



Sobre a arte-educação contemporânea, Michael Parsons diz:

*Obras de arte são poderosas encarnações de interesses comuns, pedem uma interpretação ativa, podem unir diversos meios de pensamento, relacionam-se a vários contextos e são suscetíveis a múltiplas interpretações. Por essas razões, o estudo da arte promove, em sua mais alta sofisticação, o tipo de entendimento exigido por uma sociedade pluralista, na qual grupos podem coexistir com diferentes histórias, valores e pontos de vista. Isto, creio, estabelece a tarefa do ensino e da pesquisa em arte-educação. (Parsons, 1998:9)*

1. Educadores aprendizes formados pelo “Aprender Para Ensinar”.
2. Sistematização cartográfica dos aprendizados do curso.
3. Grupo de surdos conversando sobre a exposição com educador aprendiz.  
(fotos Karina Bacci)

Museus e espaços culturais são locais privilegiados para o desenvolvimento de processos crítico-interpretativos. O aspecto inovador nas relações sociais que podem ser estabelecidas entre um museu ou espaço cultural e a comunidade é a elaboração de estratégias de mediação que permitam romper a distância espectador-obra, espectador-artista, espectador-museu ou espaço cultural, desmistificando papéis e criando um tipo de vínculo a partir do qual ocorra a apropriação dos conhecimentos gerados na relação com a arte.

Há várias maneiras de construir a mediação resultante da interação do educador com o grupo que visita a exposição. Uma delas é pedir ao grupo que faça perguntas sobre aquilo que está vendo. Assim, a curiosidade dos visitantes dará subsídio para que o percurso se desenvolva. As perguntas se tornam a base do aprendizado.

No caso de um curso de formação continuada como o “Aprender para Ensinar”, as perguntas dos alunos Surdos que dele participam podem se tornar futuramente as mesmas que eles farão aos grupos de visitantes Surdos que irão atender. Nesse caso, atuando como mediadores, os educadores-aprendizes se apropriam da dimensão criativa e significativa de sua própria experiência, na medida em que suas indagações se tornam as mesmas feitas para envolver o outro. Esse educador-aprendiz propõe posicionamentos e sentidos, constrói significados. Ele tem consciência de que a relação com a arte passa em primeiro lugar pela dimensão da experiência (o que implica levar em conta lugares sociais, culturais, políticos, histórias de vida etc.).

Ao passar por experiências significativas como conversas com artistas, curadores e outras diversas personagens que compõem o universo da arte e do museu (educadores, pessoas do acervo, seguranças, montadores), as perguntas dos alunos e as respostas que vão encontrando permanecem como eixos conceituais e problematizações ao longo de todo o ano. Assim, quando atendem como “educadores-aprendizes” os outros grupos, os alunos do “Aprender para Ensinar” estabelecem diversas conexões entre o que estão vendo ou “ensinando a ver” e as experiências de troca originadas das conversas que viveram no projeto, expandindo o próprio caráter da mediação.

Quando a articulação entre conteúdos e estratégias de aproximação com a arte e o museu ocorre, a mediação é bem-sucedida, e a proliferação de conhecimentos em ambas as direções (do museu para a sociedade e desta para o museu) acontece. Portanto, discutir a mediação



4 e 5. Ao visitar uma exposição sobre o modernismo brasileiro e o conceito de antropofagia os alunos criaram um sinal para essa palavra.  
(foto Daina Leyton)

**62** é crucial, pois nela reside a possibilidade de o museu ser modificado pelas pessoas e comunidades que o frequentam, configurando-o efetivamente como um espaço público.

Para Élie Bajard (2005), sendo a Língua de Sinais espacial-visual, a apreensão do mundo dos surdos é nitidamente diferenciada: sua diferença cultural não se manifesta apenas pela falta de audição, mas por uma apreensão a partir de uma configuração de sentidos específica, pelo domínio de uma língua gestual singular e pelo acesso precoce a uma segunda língua (português).

Se a língua é o instrumento do homem para ver e apreender o mundo e se, reciprocamente, esse instrumento é modelado pela experiência humana, cultura e língua estão intrinsecamente ligadas entre si. A relação sensível com o universo, com o corpo e com as pessoas é profundamente distinta em um mundo de sons e em um mundo de “silêncio”. É importante considerar que a relação do surdo com o mundo é, em primeiro lugar, diferente, não mutilada. O uso de uma língua com significantes gestuais cria uma sensibilidade específica, distinta da sensibilidade dos ouvintes que partilham a mesma vida cotidiana. Essa cultura específica, reivindicada pela comunidade Surda, requer reconhecimento por parte dos ouvintes.

Sendo o “Aprender para Ensinar” um curso de formação de formadores, não mediamos apenas a relação entre o aluno e a “arte”, mas sua relação com a “educação”. Isso significa que, ao longo do processo de ensino-aprendizagem, experienciar e compreender a “arte” (como forma e conteúdo) são atividades tão importantes quanto a apreensão consciente das estratégias e princípios utilizados pelas PAs. Por isso, nesse projeto, a possibilidade de interpretar as obras assume uma radicalidade singular: o que se produz no percurso entre as línguas e na relação desse percurso com a arte é o enriquecimento da própria Libras. Isso acontece quando apresentamos palavras, noções e conceitos para os quais não existe tradução, tornando necessária a invenção de sinais para que os alunos possam compartilhar com os grupos que recebem os novos aprendizados <sup>5</sup>. Com isso, não são apenas novos sinais que estão sendo criados, mas uma nova cartografia de afetos, desejos e conhecimentos que se abrem e podem ser vividos, já que esses sinais se proliferam rapidamente, enriquecendo não só a língua, mas o próprio território por onde circula e se inscreve a cultura Surda.

O que o projeto “Aprender para Ensinar” evidencia que o ato de mediar deve ser entendido de forma ampla, abarcando aspectos não apenas relacionados à educação e, nesse caso, à arte, mas também às transformações culturais que os encontros entre diferentes agentes e espaços sociais provocam.❖

## NOTAS E REFERÊNCIAS

1. O projeto “Aprender para Ensinar” é parte do programa Igual Diferente do Setor Educativo do MAM-SP. De 2002 a 2007, o projeto foi realizado em parceria com a escola de educação infantil e ensino fundamental para crianças e jovens Surdos DERDIC (Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação da PUC-SP). Em 2008, o “Aprender para Ensinar” ampliou suas parcerias. Atualmente, integram o curso alunos e profissionais da DERDIC, da Escola para Crianças Surdas Rio Branco, da Fundação Bradesco, do Colégio Radial e Instituto Santa Terezinha.
2. De acordo com o linguista Élie Bajard (2005, p. 6), “(...) o surdo nascido de pais ouvintes defronta-se com a difícil situação de não herdar uma língua de sua família. Para conquistar a Língua de Sinais, a criança surda precisa, imperativamente, conviver dentro de uma comunidade de crianças surdas. Assim, antes do diagnóstico e do contato com essa comunidade, não possui uma língua materna. Frequentando uma comunidade Surda de uma instituição educativa, aprende uma ‘primeira língua’. Depois, em sua fase de alfabetização, descobre a língua portuguesa, como ‘segunda língua’.” Portanto, utilizaremos os conceitos de “língua primeira” e “língua segunda”, que se aplicam melhor aos surdos do que os conceitos de língua materna e língua estrangeira.
3. Em um importante Congresso Internacional de Educadores de Surdos, realizado em 1880, em Milão, o oralismo saiu vencedor e o uso da Língua de Sinais, nas escolas, foi “oficialmente” abolido (ver Sacks, 1998, p.40).
4. Conforme a lei nº. 10.436, criada em 2002 e regulamentada em 2005, entende-se como Língua Brasileira de Sinais (Libras) a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.
5. Algumas dessas conceitualizações para as quais sinais precisaram ser criados são fixas, ou seja, se repetem ao longo dos anos por serem eixos constantes do curso, como, por exemplo, “arte contemporânea” e “educação contemporânea”. Outros aparecem e têm que ser aprofundados e discutidos conforme as exposições que estão em cartaz no MAM como, por exemplo, “antropofagia”, “panorama”, “identidade”, “deslocamento” etc.

# BAJARD, Élie. Esquemas de comunicação no projeto Aprender para Ensinar. 2005. Pesquisa de observação do projeto “Aprender para Ensinar”, patrocinada pela Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração.

# GEERTZ, Clifford. O saber local. Petrópolis: Vozes, 1999.

PARSONS, Michael. Mudando direções na arte-educação contemporânea. In: V Encontro sobre a compreensão e o prazer da arte. São Paulo: SESC, 1998.

# SACKS, Oliver. Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.